

**TESTES ABC E A FUNDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO:
ALFABETIZAÇÃO SOB MEDIDA**

MARIA DO ROSÁRIO MORTATTI MAGNANI
(UNESP-Marília)

RESUMO

Com base na necessidade de compreender as contemporâneas disputas entre “modernos” e “antigos” relativamente à alfabetização, enfoca-se, neste artigo, a obra *Testes ABC* - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita (1934), de Manuel Bergström Lourenço Filho. A partir de uma abordagem histórica e mediante a utilização de um método de investigação centrado na análise e interpretação da configuração textual, objetiva-se explicar o sentido que lhe atribuo de fundadora de uma tradição - alfabetização sob medida -, a qual, embora unisonamente combatida, permanece operante, no que se refere seja ao predomínio da psicologia como base teórica para o estudo da alfabetização, seja como prática assimilada, e muitas vezes não consciente, de diagnóstico e classificação de crianças visando à superação das causas do fracasso escolar na 1ª série do 1º grau de ensino.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Em nosso país, atualmente, as tematizações, normatizações e concretizações relativas à alfabetização encontram-se marcadas por uma tensão entre tradição e modernidade, decorrente da disputa pela hegemonia de um novo e revolucionário ponto de vista, o “construtivismo”, a fim de se neutralizarem as mazelas do ensino “tradicional” e se enfrentar o grave problema educacional, social e político representado pelo fracasso escolar, que se verifica, sobretudo, na 1ª série do 1º grau de ensino, na escola pública brasileira.

O que é esse ensino “tradicional”? Quando e por que se engendra um tipo de ensino de leitura e escrita que hoje é acusado de “tradicional”? O que representa para o momento em que ocorre seu engendramento? Qual a relação com a tradição que herda? Como e por que ocorre sua disseminação no tempo? Como se pode explicar sua persistente permanência?

Movidas pela necessidade de buscar respostas a essas questões, as reflexões contidas neste artigo¹ enfocam a obra *Testes ABC* - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita (1934), de Manuel Bergström Lourenço Filho, com o objetivo de explicar o sentido que lhe atribuo de fundadora de uma tradição - alfabetização sob medida -, a qual permanece operante até nossos dias.

Esse sentido atribuído à obra, e por ela autorizado, decorre da fundamentação em um pressuposto: *Testes ABC* se caracteriza como uma espécie de síntese do pensamento inovador e catalisador de Lourenço Filho a respeito do ensino da leitura e escrita, assim como, e simultaneamente, das aspirações educacionais características do 3º momento crucial - meados da década de 1920 a meados da década de 1970 - para a constituição da alfabetização como objeto de estudo; e da utilização de determinado tipo de abordagem histórica e de método de investigação.

Do ponto de vista desse tipo de abordagem histórica, produz-se uma versão interpretativa da obra *Testes ABC*, entendida não apenas como veiculadora de um conteúdo específico produzido por seu autor, mas também como versão condensada e hegemônica da polifonia de versões que, ao longo do momento em foco, foram sendo produzidas, concomitantemente à trajetória da obra iniciada antes mesmo da publicação do livro, por diferentes sujeitos e incorporadas por Lourenço Filho às sucessivas edições, passando a integrar a obra como aspecto constitutivo de seu significado e a contribuir para a produção de sua história. Assim legitimada, preservada e legada ao presente, *Testes ABC* é aqui considerada fonte primária de investigação, cuja eleição é motivada tanto pelo ponto de vista do investigador quanto por sua condição de documento escrito, portador de testemunhos e resultante de um trabalho discursivo, consciente ou não, de determinado(s) sujeito(s) do momento em que foi produzido, assim como de seus pósteros - herdeiros atuais -, para os quais continua a existir, manipulado seja pelo combate acusatório, seja pelo esquecimento silencioso e nem sempre inocente².

¹ As reflexões contidas neste artigo foram extraídas de: MAGNANI, M.R.M. *Ensino da língua materna no Brasil: a questão dos métodos de alfabetização no estado de São Paulo (1876-1994)*. Pres. Prudente: FCT-UNESP, 1995 (Relatório de pesquisa). 325 p. Com o objetivo geral de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, como um capítulo da história das idéias pedagógicas, enfoca-se, nesse relatório, a tensão entre tradição e modernidade que caracteriza o movimento constitutivo da alfabetização como objeto de estudo. A partir da recuperação, reunião, seleção, organização, análise e interpretação de fontes documentais primárias e secundárias relativas à questão dos métodos de alfabetização, no Estado de São Paulo, entre 1876 (ano de publicação da *Cartilha Maternal*, do poeta português João de Deus) e 1994 (ano de encerramento da coleta de dados), foram eleitos quatro momentos considerados cruciais para o estudo desse movimento constitutivo, cada um deles marcado por disputas pela hegemonia de um determinado projeto de alfabetização e abrangendo um período mais ou menos possível de precisar.

² A respeito da noção de documento, ver, especialmente: LE GOFF, J. Documento/Monumento. Trad. S.F. Borges. In: *Enciclopédia Einaudi - 1. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1984, p.95-106; e _____. *Reflexões sobre a história*. Trad. A.J.P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, s.d.. A nova história. p.63-101.

Do ponto de vista metodológico, elege-se e produz-se como objeto de estudo o conjunto de aspectos inter-relacionados, constitutivos da configuração textual³ de *Testes ABC* e sobre os quais incidem a análise e a interpretação. Tais aspectos referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) ; e à circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor, ao longo da trajetória da obra.

Visando à materialização discursiva desses pontos de vista, na citação dos documentos são preservadas, sempre que possível, sua forma original e a ortografia de época, e, na narração, são utilizadas formas verbais no presente do indicativo.

Desse modo, julgo ser possível partilhar com o leitor o processo analítico-interpretativo em que se fundamenta o sentido que atribuo à obra e que busca contribuir para a compreensão das disputas entre “modernos” e “antigos”, características, no caso brasileiro, não apenas do momento atual mas também do movimento constitutivo da alfabetização como objeto de estudo, cuja gênese se encontra nas últimas décadas do século XIX.

O CONTEÚDO EXPRESSO EM *TESTES ABC*

a) Os fundamentos teórico-experimentais e o discurso de autoridade

Educação entendida como um conjunto de técnicas de adaptação das novas gerações às necessidades regionais e históricas; **escola**, como instituição social com função socializadora; **alfabetização**, como instrumento de aquisição individual de cultura e envolvendo, do ponto de vista funcional, aprendizagem simultânea da **leitura e escrita**; estas entendidas como comportamentos que integram o conjunto de técnicas de adaptação; **educação popular e alfabetização**, ambas como anseios desse momento histórico, mas distintas entre si, dada a abrangência mais restrita desta em relação àquela: eis as premissas que sustentam o percurso argumentativo do ensaio.

A cultura não é a escola de primeiras letras extensa: mas, onde quer que uma escola popular esteja aberta, tradicional ou renovada, o problema da leitura e da escrita é daqueles que, ao mestre, se apresentam como fundamentais, tanto pelas exigências da organização do ensino graduado, como pelos reclamos sociais. (Lourenço Filho, 1934, p.9)

³ Para uma expansão do conceito de configuração textual e sua relevância para a análise e interpretação de material discursivo, ver: MAGNANI, M.R.M. *Em sobressaltos*: formação de professora. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993; e _____. Sobre ensino da leitura. *Leitura: Teoria & Prática*. n.25, p.29-41, jun. 1995.

Partindo da necessidade de enfrentar o problema do fracasso na aprendizagem da leitura e escrita, indicado pelas altas taxas de repetência na primeira série do primeiro grau da escola primária, mesmo entre crianças com idade cronológica e mental adequadas - problema apontado tanto no Brasil como em outros países americanos e europeus - e visando à economia, eficiência e rendimento do sistema escolar, Lourenço Filho apresenta a hipótese, confirmada pelas pesquisas experimentais que realizou com alunos de 1º grau, da existência de um **nível de maturidade** - passível de medida - como requisito para a aprendizagem da leitura e escrita. Com suas pesquisas, aponta, ainda, a insuficiência dos resultados a que chegam pesquisadores sobretudo norte-americanos e europeus, que, nesse momento, preocupam-se com o problema, mas estudando-o apenas do ponto de vista da idade cronológica, escolar ou mental.

*Do ponto de vista da economia do aprendizado, e da organização de classes homogêneas para a leitura e escrita, consequência natural da moderna organização escolar, outro critério, pois, que não o da idade mental deve prevalecer. À luz das verificações dos mais eminentes pesquisadores, e da análise dos processos envolvidos no aprendizado, em termos funcionais, só uma hipótese restará de pé: a da **classificação** por níveis de maturidade. (Lourenço Filho, 1934, p.51-2)*

Do ponto de vista da psicologia aplicada à educação e à organização escolar - campo de conhecimento então emergente, para cuja constituição Lourenço Filho também contribui -, o problema desse fracasso do aluno é explicado não em termos de Quociente de Inteligência (QI) ou interesse, como propõem seus contemporâneos, mas como decorrente de diferenças individuais de nível de maturidade que, em classes heterogêneas de 1º grau, apresentam-se como velocidades variáveis de aprendizado, com as quais não se trabalha adequadamente. Em relação a um passado então recente e de acordo com os princípios escolanovistas formulados e defendidos pelo autor, a matéria-prima, “a criança real”, “com suas mil diversidades individuais” (p.12) - e não o tipo médio e padrão criado pela escola - é que deve ser considerado, em detrimento das discussões sobre métodos e processos de ensino, característica da escola tradicional que, com “inocência psicológica” transforma o ensino em um ritual, com passos determinados, e o mestre em um “autômato bem regulado”.

*A nova maneira de propor a questão se resume simplesmente nisto: **estudemos a matéria prima, antes do ajustamento das máquinas que a devem trabalhar. É um postulado da escola nova, que diz respeito à organização estática das classes e das escolas. ... Até aí, nada de novo. O que de novo apresentamos é o processo de seleção dos alunos iletrados, para o fim especial da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, como demonstraremos no decorrer deste ensaio.** (Lourenço Filho, 1934, p.13-4)*

Do conceito de maturação biofisiológica - passagem de um estágio de reação global, não discriminada, para estágios de conduta crescentemente discriminados, tanto na ontogênese como na filogênese (p.33) - em que se baseia esse ponto de vista

psicológico, depreende-se o conceito operatório de nível de maturidade enquanto “nível de comportamento, ou melhor, de disponibilidade de recursos”, diretamente relacionados com a concepção de leitura e de escrita. Processos dinâmicos e conexos do ponto de vista funcional - embora a leitura possa ser aprendida independentemente da escrita - ambas relacionam-se com as “condutas de pensamento” (p.47) e “se estruturam em comportamentos motores, em atividades de reação, por parte do aprendiz” (p.38), devendo a análise dessas condutas ser feita “segundo as grandes estruturas funcionais, do ponto de vista do comportamento global” (p.49).

O aprendizado simultâneo da leitura e da escrita, portanto, resulta em menor prazo, maior economia e segurança e envolve uma questão de maturidade específica, o que pode ser verificado pela análise das taxas de promoção, ao final do ano letivo, nas classes organizadas de acordo com os resultados da aplicação dos testes ABC. Assim colocado o problema, não é discutido o trabalho desenvolvido nessas classes nem os critérios para promoção, confirmando a secundarização do problema dos métodos de ensino, embora, em nota de rodapé e pela voz de outrem - Simon, 1924 -, o autor apresente considerações sobre as vantagens do método analítico que, quando bem aplicado, vem “facilitar a *motivação* da aprendizagem” (p.12).

Dentre as formulações contidas no texto, merecem destaque as que se referem à síntese que faz Lourenço Filho das então “modernas” tendências dos estudos objetivos sobre leitura e escrita (com as respectivas influências que recebem) (p.43-4), as quais fundamentam diretamente os testes ABC e, assimiladas como um tácito substrato aos progressos científicos na área, logram permanência no tempo:

a) leitura e escrita são processos dinâmicos de “reação em face do texto ou material de leitura, mais do que impressão dêsse material simbólico sobre o leitor” - psicologia do comportamento (teorias dinâmicas da visão) ;

b) esses processos devem ser estudados “do ponto de vista de *estruturas, esquemas ou formas*, com abandono do ponto de vista do antigo associacionismo, que supunha a leitura como conexão de elementos estéticos, como fossem as impressões visuais, auditivas e motrizes” - teorias da estrutura e, em particular, da função de globalização na criança;

c) a aprendizagem deve atender às diferenças individuais, “o que importa numa adequação individual de processos, bem como do material de leitura, que deve ser adaptado às fases de desenvolvimento social da criança e evolução de seus interesses” - psicologia diferencial e da concepção funcional da infância; e

d) “o processo de interpretação do texto, seja ideativa, seja emocional, não advem por acréscimo ou juxtaposição de um ato puro do espírito, mas resulta do próprio comportamento global do ato de ler, por condicionamento anterior, o que importa em afirmar que a interpretação só é possível, nos limites desse condicionamento” - teorias do condicionamento e dos estudos da função da linguagem, no adulto e na criança, em especial, os de Watson, Janet e Piaget.

Desse ponto de vista condutista, portanto, leitura não pode ser definida “como outrora, ‘o processo ou habilidade de interpretar o pensamento, exposto num texto

escrito ou impresso” (p.44), uma vez que o pensamento é uma “reação individual, diversa em cada leitor” e as palavras, “*possíveis estímulos* da atividade do pensamento” - e não veículo de idéias - e de estruturas emocionais. Como processo global, a leitura não é condicionada pela inteligência, mas dá a esse comportamento “direção e tonalidade”, apresentando-se a leitura e a escrita

como instrumentos capazes de permitirem maior desenvolvimento intelectual, por isso que oferecem, além da possibilidade de maior extensão de experiência indireta (pela leitura de que outros fizeram ou observaram diretamente) mais perfeito controle do próprio simbolismo da linguagem. (Lourenço Filho, 1934, p.45)

b) A prática legitimadora e seus mecanismos de controle

Como proposta já então em curso de solução para o “novo problema” e de acordo com os princípios da educação renovada, os testes ABC se apresentam como uma fórmula simples e de fácil aplicação, com fins de diagnóstico ou de prognóstico, e como critério seletivo seguro, para definição do perfil das classes e sua organização homogênea, assim como dos perfis individuais dos alunos, permitindo atendimento e encaminhamento adequados.

Entendendo-se teste como “um simples *reativo*, com o emprego do qual se poderão obter *amostras de comportamento*, de um ponto de vista determinado” (p.59), as quais só se tornam significativas mediante tratamento estatístico, são apresentadas as oito provas que integram os testes ABC em sua relação com os pontos de análise pretendidos: coordenação visual-motora, resistência à inversão na cópia de figuras, memorização visual, coordenação auditivo-motora, capacidade de prolação, resistência à ecolalia, memorização auditiva, índice de fatigabilidade, índice de atenção dirigida e vocabulário e compreensão geral. Apresentam-se, também, minuciosas orientações práticas, sob o título de “observações gerais” e já tentando controlar as variáveis intervenientes e neutralizar as possíveis críticas às dificuldades de aplicação. Essas orientações referem-se a: forma de aplicação, duração do exame, o período ideal, no ano letivo, para a aplicação dos testes, local da prova, condições do examinando e do examinador, material de exame e notação; técnica do exame, enfocando o material e a fórmula verbal a serem utilizados em cada um dos oito testes; avaliação geral; organização das classes seletivas; perfil individual; e perfil da classe.

No âmbito do esforço controlador (e difusor) dessa prática legitimadora, ressaltam-se as observações do autor a respeito da facilidade de obtenção do material de aplicação, que “pode ser improvisado, pelo professor, ou adquirido por preço insignificante” (p.122), sendo indicados, em rodapé: “*Material completo para os testes ABC*, Cia. Melhoramentos de São Paulo, editora; *Fórmulas individuais para os testes ABC*, idem”.

A ESTRUTURA DA OBRA

a) A apresentação

Como pode ser observado num dos exemplares da 1ª edição - o qual contém a assinatura de J.B. Damasco Penna, a data: 13/1/1934 e anotações de leitura -, a capa, mesclando diferentes tonalidades de azul, contém: nome do autor e sua filiação institucional - professor do Instituto de Educação de S. Paulo e Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro -, título e sub-título do livro, seguido do logotipo da editora-proprietária, sua denominação e locais - Comp. Melhoramentos de S.Paulo (Weisflog Irmãos Incorporada) São Paulo-Caieiras-Rio -, todas essas informações contornadas por uma moldura com ornamentos em forma de folhas, em cuja base encontra-se a informação: “Bibliotéca de Educação - Vol. XX”. Na página de rosto repetem-se as informações da capa, encimadas pelo nome da coleção e pela informação: “Organizada pelo Dr. Lourenço Filho”, à qual se seguem o título, sub-título e nome do autor; e, na quarta capa, encontra-se uma lista dos 20 volumes dessa coleção, seguida do endereço da editora.

A brochura de 152 páginas e pequeno formato (19,5 cm por 14 cm) contém, ainda: prefácio do próprio autor; uma introdução seguida de 4 capítulos; 120 notas de rodapé; 39 ilustrações - 8 quadros, 18 gráficos, 8 figuras e 5 reproduções de resultados de aplicação dos testes -; e, ao final, bibliografia - 66 títulos -, “Trabalhos com referência especial aos Testes ABC” - 12 títulos -, “Tábua de nomes” - 123 nomes - e o índice.

b) O prefácio

Produzido no Rio, em novembro de 1933, assinado pelo autor e conduzido de maneira distanciada pelo sujeito do discurso, o prefácio está dividido em duas partes separadas por asteriscos. Na primeira, mediante emprego de verbos na 3ª pessoa - indicando ora sujeito gramatical passivo, ora indeterminação do sujeito - ou na 1ª pessoa do plural, encontram-se: considerações sobre a influência da teoria e prática dos testes em todos os domínios da técnica e necessidade a que responde a obra: uma compreensão mais adequada dessa capacidade de medir, em particular aplicada a uma determinada técnica escolar: leitura e escrita. Apresentando os testes ABC como uma das soluções possíveis para o problema verificado, o autor enfatiza sua fundamentação teórico-experimental e explicita o endereçamento da obra a dois tipos de leitores - os “entendidos” e os aplicadores. Na segunda parte, mediante o emprego da expressão “o Autor”, “modestamente” substituindo o pronome “Eu”, encontram-se agradecimentos aos colaboradores nas pesquisas de que derivam a obra e, indiretamente, uma divulgação da repercussão de *Testes ABC*.

Preocupado em “recomendar” a obra, o Autor adverte que, embora essa solução dos testes ABC não seja a única, estes devem ser considerados, “senão pela teoria que envolvem, ao menos pelos efeitos práticos de eficiência, decorrentes de sua aplicação (p.4). E, antecipando sobretudo duas possibilidades de leitura e utilização da obra,

dessa preocupação decorre o endereçamento aos “entendidos” - certamente estudiosos e pesquisadores a quem interessam os fundamentos e condições gerais da medida, com ênfase na “questão particular dos testes ABC”; e aos aplicadores - sobretudo professores primários -, destinatários privilegiados do “Guia de Exame”, cuja “simples” leitura permite empregar as provas, “tal sua singeleza”, “sem qualquer preparo especial”, embora, perspicazmente, o autor não descarte a possibilidade de “qualquer mestre primário”, após “experimentação, com uma centena de casos” (p.4), vir a apreender facilmente os fundamentos e observações teóricas, movido pela curiosidade para maiores e mais profundos estudos.

Do conteúdo e forma de organização desse prefácio, pode-se depreender sua principal e duradoura característica: o tipo de interlocução prevista e proposta. Diretamente relacionada com o empenho de Lourenço Filho em “seduzir” os diferentes segmentos envolvidos com o ensino da leitura e escrita e controlar a prática singular e legitimadora, antecipando as maneiras de ler e interpretar o texto, o que se diz no princípio vai-se produzindo como uma espécie de profecia auto-realizável ao longo da trajetória histórica da obra.

c) A organização interna

Conduzida por um sujeito que, visando a uma interlocução ampla e duradoura, assume discursivamente a 1ª pessoa do plural, numa relação ambígua entre “plural de modéstia” e “plural majestático”, a organização interna do texto evidencia uma trajetória do geral para o particular, em que a singularização da obra é função de seu pioneirismo, e da teoria para a prática, esta justificando e legitimando aquela e estabelecendo-se uma relação em que a ciência está a serviço da técnica.

Ao longo de 20 tópicos e 38 páginas e com uma remissão inicial, em nota de rodapé, à 3ª edição (1933) de *Introdução ao estudo da Escola Nova*, a introdução contém: as premissas da pesquisa, envolvendo concepções de alfabetização, cultura, educação popular, leitura e escrita; o problema resultante das relações entre essas concepções e o caso brasileiro; “uma nova maneira de propor a questão” da aprendizagem da leitura e da escrita, a partir de um balanço crítico dos estudos e pesquisas experimentais a ela relacionados e do novo problema que apontam; e um histórico de suas pesquisas a respeito do “novo problema”: a maturidade para a aprendizagem da leitura e escrita.

Discutindo os fundamentos dos testes ABC, no capítulo I - “Os testes ABC - Seus fundamentos” - (10 tópicos e 19 páginas), aborda-se: a conexão, de um ponto de vista funcional, entre os conceitos de leitura e escrita; “notícia histórica das investigações científicas” e das modernas tendências do estudo dessas técnicas; a relação entre leitura, escrita, inteligência e maturidade; e uma justificativa das opções pelos tipos de testes escolhidos em relação aos pontos de análise demandados pelas pesquisas do autor.

No capítulo II - “Os testes ABC - Aferição” - (14 tópicos e 30 páginas), abordam-se questões relativas: à avaliação numérico-estatística e à medida pelos testes; e à aferição dos testes ABC - número de provas, técnica de exame, aferição de conjunto e

definitiva, correlação com a idade cronológica, diferenças por sexo e cor e a segurança do prognóstico.

A utilização e os resultados dos testes ABC em diferentes Estados brasileiros são discutidos no capítulo III - “Os testes ABC - Sua utilização e resultados de aplicação” - (18 tópicos e 25 páginas), enfatizando-se seu duplo objetivo - de diagnóstico e prognóstico - e os benefícios sociais por eles gerados.

Por fim, no capítulo IV - “Guia de Exame” - (13 tópicos e 26 páginas), apresentam-se minuciosas orientações para aplicação dos testes ABC.

Quanto às notas de rodapé, dividem-se em notas explicativas e bibliográficas - com predomínio deste segundo tipo - e distribuem-se da seguinte maneira: 59, na introdução; 17, no capítulo I; 31, no capítulo II; 13, no capítulo III; e 2, no capítulo IV. Os quadros e gráficos, por sua vez, encontram-se nos capítulos II e III, e as reproduções de resultados e exames, no capítulo IV. Dentre os dois tipos de notas de rodapé, vale ressaltar aquelas várias que remetem a outras obras e iniciativas de Lourenço Filho.

Na bibliografia, dentre os 66 títulos arrolados, três referem-se a produções brasileiras (Antipoff, 1931 e 1932; Fontenelle, 1933; e Köpke, 1916) e os restantes, a produções estrangeiras, sendo a maior parte em inglês e francês. Em “Trabalhos com referência especial aos testes ABC”, encontram-se 10 títulos em português e 2 em francês. Na “Tábua de Nomes”, por sua vez, encontram-se 20 nomes de brasileiros e os 103 restantes, de americanos, ingleses, franceses, alemães, espanhóis e latino-americanos. Vale ressaltar que, tanto nas notas de rodapé quanto na bibliografia, nos trabalhos e nomes apresentados ao final, com exceção de alguns dos títulos de estudos citados - de Arnold, 1899; Decroly, 1906; Vaney, 1908; Claparède, 1908; Köpke, 1916 -, todos os demais são datados de início da década de 1920 até 1933, ano em que Lourenço Filho encerra a redação da ensaio.

TESTES ABC E A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E PROFISSIONAL DO AUTOR

a) A consolidação de uma carreira de prestígio

Quando, em janeiro de 1934, é lançada a 1ª edição de *Testes ABC* - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita, Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), ainda residindo na cidade de São Paulo, é já bastante conhecido e desfruta de significativo prestígio nos meios educacionais brasileiros, em decorrência de uma atuação marcada, desde o início, por uma profusão de realizações simultâneas.

Diplomado pela Escola Normal Primária de Pirassununga, em 1914, e pela Escola Normal Secundária da Capital, em 1917, e Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1929, dentre as diversas atividades exercidas por Lourenço Filho, em vários Estados da Nação e anteriormente à publicação de *Testes ABC*, destacam-se:

a) professor de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal de Piracicaba (SP) (1921-1924) e na Escola Normal de São Paulo (1925-1930); e professor de Psicologia Educacional na Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal (1925-1930);

b) reorganizador e Diretor Geral da Instrução Pública no estado do Ceará (1922-1923) e no estado de São Paulo (1930-1931); e organizador e diretor do Instituto de Educação, no Distrito Federal (1932);

c) organizador, a partir de 1928, da coleção pedagógica “Bibliotheca de Educação” (Comp. Melhoramentos), na qual publica quatro traduções de obras estrangeiras consagradas na época: *Psicologia experimental* - H. Pierón (1927), *A escola e a psicologia experimental* - E. Claparede (1928), *Educação e sociologia* - E. Durkheim (1929) e *Testes para a medida do desenvolvimetro da inteligencia* - A. Binet e Th. Simon (1929) ; e ainda tradutor de *Tecno-psychologia do trabalho industrial*, de L. Walther (1928), pela mesma editora;

d) autor de dois livros: *Joaseiro do Padre Cícero* (1926) e *Introdução ao estudo da Escola Nova* (1930), tendo este último sido traduzido para o espanhol, em 1933, por Henrique de Leguina; da *Cartilha do povo* (1929) ; e de vários artigos, dentre os quais encontra-se “Estudo da atenção escolar”, publicado na *Revista de Educação* (Piracicaba-SP), em 1925, e contendo os resultados das primeiras pesquisas experimentais de Lourenço Filho.

De acordo com informações contidas no capítulo III da 1ª edição de *Testes ABC*, as pesquisas de que derivam a obra iniciam-se, em 1925, na escola-modelo anexa à Escola Normal de Piracicaba, sendo retomadas na Escola Normal de São Paulo, com crianças do Jardim da Infância e da Escola-Modelo, e contando com a colaboração da professora Noemi Silveira, assistente do Laboratório de Psicologia Experimental dessa Escola Normal.

A partir de 1928, os resultados dessas pesquisas começam a ser divulgados, e os testes ABC passam a ser aplicados, institucionalmente, em centros urbanos brasileiros mais desenvolvidos - por onde também registram passagem eminentes pesquisadores estrangeiros, como H. Piéron, E. Claparede, A. Binet e Th. Simon -:

a) em São Paulo: no Grupo Escolar da Barra Funda, pela Profa. Irene Muniz, em 1930; no Instituto Médico Pedagógico, pelo Dr. Joaquim Penino; e em 54 grupos escolares da capital, determinada pelo Diretor Geral do Ensino de São Paulo - Lourenço Filho - em 1931;

b) no Rio de Janeiro (DF): na Escola Manuel Cícero, pela Profa. Celina Padilha, em 1928; em escolas dessa cidade, pelo Serviço de Testes e Escalas da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, sob orientação do prof. Isaías Alves; no Instituto Sete de Setembro, pelo prof. Murilo Braga; e

c) em Belo Horizonte, nas classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, sob a orientação da Sra. Helena Antipoff.

Por essa época, passam a circular também os primeiros resultados de aplicação e aferição dos testes ABC, em versões condensadas, sob a forma de artigos em periódicos e comunicações em eventos, nacionais e internacionais, relativos à educação e

psicologia, conforme se verifica em “Trabalhos com referência especial aos testes ABC” (Lourenço Filho, 1934, p.147). Caracterizando-se como uma espécie de pré-história de *Testes ABC*, essa circulação dos primeiros resultados inicia um processo de divulgação institucional entre aplicadores desses testes e de divulgação acadêmico-científica, entre “entendidos”, as quais geram uma série de apreciações elogiosas por parte de uns e outros. Essa divulgação, por sua vez, vai contribuindo para se formar e continuamente referendar uma opinião favorável a respeito do pioneirismo, rigor científico e aplicabilidade dos testes ABC e simultaneamente propiciando sua contínua divulgação no âmbito das escolas primárias, dos cursos de formação de professores e dos centros de investigação em psicologia escolar.

b) Testes ABC e a “monomania de época”

Embora Lourenço Filho seja um de seus mais conhecidos defensores e propagadores, destacando-se pelo pioneirismo das formulações contidas em *Testes ABC*, a aspiração de tudo medir cientificamente não é exclusiva desse educador, mas uma espécie de moda de época, que busca elucidar a realidade sensível, medindo-a através de testes objetivos⁴.

Decorrente da busca de explicação psicológica dos fatos sociais e individuais, em bases diferentes das propostas pela psicologia clássica - metafísicas e espiritualistas - a obsessão pela medida através dos *mental tests* acompanha a trajetória profissional de Lourenço Filho, desde seu ingresso no magistério, em Piracicaba. Na década de 1920, já residindo em São Paulo, reativa, com a denominação de Laboratório de Psicologia Experimental, o antigo Gabinete de Antropologia Pedagógica e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo e propõe-lhe um orientação nova em relação à anterior, considerada dissociada dos problemas sociais, porque baseada nos estudos de estesiometria e cefalometria, sob a orientação de Clemente Quaglio e Ugo Pizzolli.

O desenvolvimento das pesquisas experimentais, por sua vez, faz com que Lourenço Filho passe a exercer um papel “integrador” em relação a professores e estudantes normalistas, elevados à condição de colaboradores, alguns dos quais irão se constituir em brilhantes expoentes de uma geração de técnicos do ensino público paulista: Noemi M. Silveira, João Batista Damasco Penna, Branca Caldeira, Irene Muniz e Odalívia Toledo, entre outros.

Leitor assíduo de eminentes pesquisadores em psicologia aplicada da época, como, entre muitos outros, E. Claparède, W. Gray, L. Walther e H. Piéron - este último tendo visitado o Laboratório, em 1925 e 1927 -, Lourenço Filho se dedica ao aperfeiçoamento das técnicas de diagnóstico e prognóstico em relação à aprendizagem escolar, nos moldes já então empregados pela psico-técnica em relação à orientação profissional.

⁴ A expressão “monomania de época” bem como considerações sobre a atuação dos educadores envolvidos com essa problemática encontram-se em: MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. São Paulo: PUC-SP, 1994 (Tese de doutorado). Escola Normal à sombra da racionalização. p.365-432.

c) *Testes ABC* e a “*Bibliotheca de Educação*”

Sob a forma de livro, a 1ª edição do ensaio - como quer o autor - ou relatório de pesquisa - como sugere a estrutura da obra - é apresentada como o volume XX da coleção “*Bibliotheca de Educação*”, cuja “organização está entregue a um especialista bastante conhecido” - Dr. Lourenço Filho. Baseando-se em modelos já praticados em “todos os países civilizados” e visando a suprir a deficiência de livros que divulguem “as bases científicas da educação e seus processos racionais”, essa coleção destina-se a professores primários e secundários, normalistas, estudantes e pais. (*O que é a Bibliotheca de Educação*, [1934], p.9)

Sintonizado com a inovação educacional, o projeto dessa coleção, pioneira no país e que parece ter tido grande aceitação na época, resume-se na “renovação e arejamento de idéias, pela livre exposição e crítica, sem nenhum dogmatismo ou partido.” (*O que é a Bibliotheca de Educação*, [1934], p.10-1). Seguindo essa orientação, nessa coleção publicam-se, após *Testes ABC*, outros dois títulos relativos ao ensino da leitura e escrita, prefaciados por Lourenço Filho: *Como ensinar linguagem* (1933), de F. Costa, e *A escrita na escola primária* (1935), de O. I. Marques.

TESTES ABC E A DISPUTA ENTRE RENOVADORES E TRADICIONAIS

a) **Novos fins, novos caminhos**

Tornando-se Lourenço Filho uma das figuras de maior destaque no cenário educacional brasileiro, com repercussão em outros países, sua trajetória intelectual e profissional é representativa da busca de concretização de uma das aspirações sociais e culturais que assumem um caráter programático com a Revolução de 1930 e cujos efeitos tendem a se tornar “normais” e “rotineiros” nas décadas seguintes: a reforma da educação, diretamente relacionada à necessidade de renovação e inovação intelectuais e de uma reforma ampla em todos os setores da sociedade brasileira, para o que se pressupõe, dentre outros aspectos, a difusão da instrução elementar e redefinição e aumento das escolas superiores, visando à democratização da sociedade, mediante uma política nacional de educação.

Em relação à alfabetização, as discussões vão gradativamente normalizando e rotinizando os aspectos psicológicos - em detrimento dos lingüísticos e pedagógicos - da **aprendizagem** tanto da leitura quanto da escrita, enfeixados os dois processos sob a designação mais ampla de “alfabetização” - termo que passa gradativamente a ser utilizado, a partir da década de 1910 - cujo caráter funcional e instrumental é destacado, relativamente ao ideário liberal de democratização da cultura e da participação social. Os novos fins passam a demandar soluções voltadas para a função socializadora e adaptadora da alfabetização no âmbito da educação popular, a ser realizada de maneira rápida, econômica e eficaz, visando a integrar o elemento estrangeiro, fixar o homem no campo e a nacionalizar a educação e a cultura, ou seja, visando a uma educação

renovada, centrada na psicologia aplicada à educação e à organização escolar e adequada ao projeto político de planificação e racionalização em todos os setores da sociedade brasileira.

b) A tradição herdada e o novo sentido do “moderno”

No âmbito desse 3º momento, podem ser localizados dois tipos predominantes de discurso relativos à alfabetização: acadêmico-institucional, que incorpora tematizações, normatizações e algumas concretizações sobre as novas bases, as quais tentam se impor como legítimas para a nova ordem política e social; e do cotidiano escolar, que, mostrando-se, muitas vezes, continuista em relação à tradição herdada⁵ e revelador da pluralidade que se quer neutralizar, incorpora, rotineiramente, grande parte das concretizações, mediatizadas pelos manuais de ensino e pelos livros didáticos e nem sempre conseguindo acompanhar o ritmo do movimento imposto pelo discurso institucional-acadêmico.

No entrecruzamento desses dois tipos de discurso, Lourenço Filho assume papel de vanguarda - colocando-se na posição de quem exerce influências, em vez de recebê-las - em relação a um projeto para o ensino da leitura e escrita, diretamente articulado às urgências sócio-políticas de âmbito nacional. Em outras palavras, a ocupação de cargos estratégicos na administração educacional e o pioneirismo de suas formulações, sobretudo as contidas em *Testes ABC*, resultante de pesquisa experimental que integra outros professores-pesquisadores e ao mesmo tempo sintonizadas com as das grandes autoridades internacionais no assunto, conferem a esse educador um prestígio no Brasil e no exterior, o que, por sua vez, reforça o caráter inovador e catalisador de seu pensamento escolanovista em relação ao ensino da leitura e da escrita.

Aspirando, por um lado, por precisar os traços distintivos do presente, mas impossibilitado de efetuar total ruptura com o passado, e necessitando neutralizar a pluralidade inevitável do momento, mas impossibilitado de efetuar total controle das práticas arraigadas, Lourenço Filho acaba por produzir uma certa síntese homogeneizadora da “tradição herdada” relativamente ao ensino da leitura e da escrita, acusando sobretudo a “rotina” que se instala nas classes de alfabetização em decorrência da “inocência psicológica”, com que os sujeitos do passado tratavam essas questões, embora se autodenominassem “modernos” e supusessem sintonia com os progressos científicos. Visando-se à exaltação dos traços distintivos da modernidade e sua capacidade de dar coesão às diferenças coexistentes entre os contemporâneos, essa

⁵ Ao lado das contendas sobre métodos de ensino e cartilhas produzidas nesse 3º momento, de acordo com as então novas tendências, verifica-se a permanência de cartilhas brasileiras produzidas nas últimas décadas do século XIX e baseadas nos métodos sintéticos - soletração e silabação - indicando, por um lado, a utilização desses métodos, pelos professores, mesmo quando, nas primeiras duas décadas deste século, intensificaram-se e acirraram-se as contendas e produziram-se várias cartilhas baseadas no método analítico para o ensino da leitura, o qual se tornou obrigatório nas escolas públicas paulistas e, por outro, a pluralidade característica do momento em estudo, a despeito da influência do pensamento catalisador de Lourenço Filho sobretudo em relação ao ensino da leitura e escrita. Essas questões são discutidas nos capítulos 3 e 4 do Relatório de Pesquisa citado. Ver, também, PFROMM NETO, S., ROSAMILHA, N., DIB, C.Z. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. Cartilhas, gramáticas, livros de texto. p. 153-204.

tradição, assim reinventada, passa a ser divulgada, por esse educador além de muitos outros, em artigos e novos manuais de ensino - como os publicados na “Bibliotheca de Educação” -, tanto para o professor primário em exercício quanto para aqueles ainda estudantes dos cursos normais, nas instruções para uso das novas cartilhas e na prática nelas proposta e, especialmente, em *Testes ABC*.

Se se der um balanço às tentativas para melhoria da aprendizagem mecânica da leitura, nos quinze anos mais chegados, verificar-se-á que o contingente brasileiro é notável, muito embora não possa ser comparado, em número e valor, ao dos especialistas americanos, por exemplo. ... A chamada “leitura analítica” em pouco tempo por aqui se disseminou. Salientemos, desde logo, que a sua influência tem sido enorme e, por certos aspectos, benéfica. Mas digamos também, de passagem, que nem sempre exposta em seus princípios verdadeiros, a “leitura analítica” tem concorrido para complicar um problema por sua natureza difícil, mas não misterioso. À falta de uma teoria definida do processo em moda, criaram-na, posteriormente, os seus propagadores, no Brasil, e às mais das vezes com acentuada inocência psicológica. ... Afastar-nos-íamos do assunto deste ensaio, se pretendêssemos analisar detidamente a questão. O que aqui desejamos assinalar, tão somente, é que o esforço de nossos mestres tem sido unilateral. O problema, têm-se lhes afigurado como de dinâmica do ensino, do processo de aprendizagem em abstrato. Os mestres brasileiros têm procurado uma panacéia, desejosos de ensinar a ler e escrever a todos, rápida e facilmente; e, nessa pesquisa, formaram partidos, em que o lado sentimental e, muitas vezes, o comercial, da venda de determinado tipo de cartilha, não tem sido o menos importante. É humano. Mas não interessa à técnica escolar. (Lourenço Filho, 1934, p. 10)

Entrando em cena outros sujeitos, que se apresentam como “educadores profissionais” e propõem soluções “técnicas” para os problemas educacionais, diluem-se as bandeiras de luta relativas à alfabetização, características dos dois momentos anteriores. Embora o método analítico continue a ser considerado o “melhor” e “mais científico”, sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficiência na organização escolar, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético ou o “método eclético”, e se obterem resultados satisfatórios.

No que diz respeito ao movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudo, arrefecem-se, nesse 3º momento, as disputas entre modernos e antigos ou dos modernos entre si, gradativamente conquistando hegemonia um outro tipo de discurso tendente ao controle e homogeneização da pluralidade de práticas e à sua conseqüente normalização e rotinização nas décadas seguintes: o discurso institucional, que focaliza a medida do nível de maturidade para o aprendizado da leitura e da escrita.

Fundamentado na distinção valorativa entre “tradicional” (velho e atrasado) e “moderno” (novo e avançado), a fim de se marcar o início de um processo de mudança

modernizadora, esse discurso simultaneamente incorpora e produz um novo sentido para o termo “moderno”, que não se define nem **a partir**, nem **contra**, mas como **independente** em relação ao passado, este tido como “inútil” e indiferente para a inovação⁶. Nesse sentido, a mentalidade “moderna” condensada em *Testes ABC*, por um lado, cumpre a função de diferenciar, arrogantemente, esse discurso sobre alfabetização de tudo que o precedeu e, por outro, deixa entrever um paradoxal e também arrogante desejo de a obra se caracterizar como uma espécie de ato fundador e se tornar, para seus pósteros, passado “útil” e duradouramente indispensável.

A TRAJETÓRIA DE *TESTES ABC* E A PRODUÇÃO DE UM ATO FUNDADOR

Nas décadas seguintes ao lançamento de *Testes ABC*, além das várias e prestigiadas atividades burocrático-administrativas exercidas até sua aposentadoria, em 1957, Lourenço Filho continua se destacando nas atividades intelectuais, mediante sucessivas edições de algumas de suas obras - como *Cartilha do Povo* (1929) constante, até 1995, do catálogo da Melhoramentos - e, entre muitas outras, a produção de livros sobre educação, de verbetes em dicionários e enciclopédias nacionais e estrangeiras e da Série de Leitura Graduada *Pedrinho*, em que se encontra a cartilha *Upa, Cavalinho!* (1957), a qual visa a concretizar as “exigências do nível de maturidade e de boa motivação” (Lourenço Filho, 1967, p. 151).

A reafirmação continuada do nome e dos feitos desse educador bem como sua autoridade e influência relacionam-se, simultaneamente como causa e efeito, com a trajetória de continuada reafirmação de *Testes ABC*. Nesse movimento, podem-se apreender outros aspectos constitutivos de sua configuração textual, os quais contribuem para a produção de uma história da obra e de seu significado como ato fundador e referência obrigatória: as sucessivas edições que veiculam direta e ostensiva propaganda da obra (e de seu autor), na capa, orelhas, contra-capas desse e de outros livros e nos prefácios do autor, além dos catálogos da editora; aquela propaganda indireta, veiculada no interior das revisões e ampliações efetuadas por Lourenço Filho, relativas às referências nacionais e internacionais aos testes ABC; sua repercussão internacional; e o processo de autonomização do material para aplicação.

a) As sucessivas edições

A 2ª edição (3000 exemplares) de *Testes ABC* é lançada em junho de 1937, e a última de que se teve notícia, a 12ª (3000 exemplares), em 1974, tendo-se alcançado, no conjunto das 12 edições, uma tiragem total de 62000 exemplares. A análise do percurso

⁶ Essas considerações inspiram-se nas reflexões sobre o sentido dos termos “moderno” e “tradicional”, contidas em: SCHORSKE, C.E. *Viena Fin-de-Siècle*: política e cultura. Trad. D. Bottmann. São Paulo: Ed. UNICAMP; Comp. das Letras, 1988; LE GOFF, J. *Antigo/Moderno*. Trad. I. Ferreira. In: *Enciclopédia Einaudi - I. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1984, p.370-92; e FRANCO, M.S.C. Sobre o conceito de tradição. *Cadernos n.5*. [Centro de Estudos Rurais e Urbanos], p.9-40, jun. 1972.

editorial da obra, ao longo dessas quatro décadas, revela uma trajetória ascendente, com gradativa diminuição do intervalo entre as edições e significativo aumento do número de exemplares por tiragem, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, coincidindo com o ápice da carreira de Lourenço Filho e a consolidação de seu prestígio, no Brasil e no exterior. O ponto mais alto nessa trajetória editorial verifica-se em 1967 - dez anos após a aposentadoria do autor - com o lançamento de duas edições no mês de agosto (8ª, 6000 exemplares, e 9ª, 8000 exemplares) e com a maior tiragem - a da 10ª edição (dez.1967, 10000 exemplares) - alcançada dentre as 12 edições⁷.

Ao longo dessas quatro décadas, vai sendo atualizada a filiação institucional do autor, contida na página de rosto; o formato do livro torna-se maior; a capa vai-se “modernizando” graficamente, passando a ser ilustrada a cores com grafismos infantis alusivos aos testes ABC e a conter orelhas; o índice passa a anteceder o prefácio; e, na 4ª capa das edições posteriores a 1959, o destaque conferido, nas edições das décadas de 30 e 40, à “Biblioteca de Educação”, cede lugar àquele que se passa a conferir a esse educador, já então aposentado e ainda vivo, mediante divulgação de outro projeto editorial centrado na celebração de sua carreira: os títulos dos volumes já publicados e a publicar de suas “Obras Completas”, apresentando-se *Testes ABC* como o volume III.

b) A propaganda ostensiva

O resultado das novas aplicações dos testes ABC e as apreciações elogiosas vão sendo também divulgadas, a maioria delas incorporadas às sucessivas edições da versão em livro de *Testes ABC*.

Exemplos dessa propaganda ostensiva e formadora de opinião podem ser encontrados no opúsculo *O que é a Bibliotheca de Educação* [1934], sem indicação de autoria e distribuído gratuitamente pela editora a fim de apresentar a coleção:

Dos Testes ABC, diz HENRI PIÉRON, o sabio professor da Universidade de Paris, no “Anné Psychologique”, de 1931, que é uma inovação digna de ser considerada nas investigações escolares, tanto pelos seus fundamentos como pela feição rigorosamente technica com que foi apresentada. (O que é a Bibliotheca de Educação, [1934], p.67) ;

ou nas orelhas de edições posteriores, como é o caso das apreciações: de Lewis M. Terman (Stanford University, Califórnia), Rudolf Pintner (Teachers College, Columbia University, Nova York) e do Bureau International D’Education, que se encontram na 5ª edição (1954) :

Exprimo minha sincera admiração pela organização dos testes ABC. Êsses testes podem ser proveitosamente utilizados na medida da capacidade de aprendizagem para o primeiro grau das escolas primárias. ... Os testes ABC dão,

⁷ As considerações a respeito da trajetória editorial de *Testes ABC* assim como as que serão apresentadas relativamente ao material para aplicação baseiam-se em dados obtidos junto à Companhia Melhoramentos de São Paulo.

sem dúvida, um melhor prognóstico que o da idade mental. (Terman. In: Lourenço Filho, 1954)

As respostas recebidas indicam que, para resolver os problemas de classificação dos alunos, empregam-se os Testes ABC, de Lourenço Filho, na Argentina, Bolívia, República Dominicana, México, Peru e Uruguai. (Bureau International D'Education (1948). In: Lourenço Filho, 1954)

c) A auto-referência dos prefácios

Os prefácios do autor, por sua vez, são significativos do esforço de produção de uma história da obra marcada por ampla repercussão e duradoura atualidade, mediante, sobretudo, uma operação narcísica de reiteração obsessiva de seus fundamentos teórico-experimentais e de incorporação dos resultados das novas aplicações e dos estudos sobre os testes ABC. Buscando enfatizar a feliz conciliação entre modernidade e tradição, a utilização desses recursos tende a gerar no leitor uma incômoda impressão de que o tempo não passa, ou, talvez, de que a referência temporal da obra seja ela mesma.

Organizados com o fito especial de despertar nos mestres brasileiros maior interesse pelas questões de psicologia aplicada, essas provas, a que se deu o nome de Testes ABC, passaram a ter, no entanto, grande difusão também no estrangeiro, e de tal modo que hoje são utilizadas como recurso de organização normal de organização escolar em numerosos países.

O A. sente-se feliz em poder declarar que se, entre os primeiros resultados da aplicação e aferição dos Testes ABC, publicados em 1928, ou ainda os consignados na primeira edição deste livro, e os que agora podem ser compulsados, enorme diferença há quanto ao número de casos, em que se baseiam, nenhuma discordância existe, no entanto, quanto aos propósitos da aplicação, ou quanto aos índices de fidelidade e validade. (Lourenço Filho, 1954, p.7-9)

A utilização desses recursos pode ser observada em todos os prefácios, os quais, nas últimas edições, quase que se se repetem, não fosse o acréscimo das referências aos novos estudos e aplicações dos testes ABC.

Essas são as conclusões a que se tem chegado com a aplicação sistemática dos Testes ABC, por mais de trinta anos, não só em escolas brasileiras, como nas de mais de duas dezenas de países da América e da Europa, conclusões que confirmam os fundamentos de sua organização e das técnicas que recomendam. Por outro lado, têm eles suscitado investigações novas sobre os fundamentos da leitura e da escrita e, conseqüentemente, sobre a didática dessas matérias. (Lourenço Filho, 1969, p.10)

Paralelamente à reiterativa propaganda da obra, em que se sobressaem as constantes referências, diretas ou indiretas, ao caráter precursor do pensamento de Lourenço Filho, vai-se sedimentando uma outra faceta daquela ambigüidade entre “plural de modéstia” e “plural majestático”, assumido pelo sujeito do discurso em *Testes ABC*. Também nada inocente, esta outra faceta pode ser depreendida dos “novos” prefácios a cada uma das edições, onde, mediante a impessoalidade ostensiva do sujeito do discurso e, por vezes, a autodenominação de “organizador”, “o Autor” continua, paradoxalmente, assumindo a diluição da autoria de *Testes ABC*, em favor de sua institucionalização. Embora aparentemente indicativa de modéstia, essa estratégia de convencimento parece ocultar uma “fala do trono”, remetendo ao aspecto controlador e homogeneizador do processo de normalização e rotinização do ato fundador, intimamente relacionado com o esforço de Lourenço Filho em conferir-lhe hegemonia e prescindir, assim, da disputa seja com a tradição herdada, seja com seus contemporâneos.

Quando êsses trabalhos se examinem, pode-se afirmar que os Testes ABC, como tema de estudo, já não pertencem apenas a seu organizador, mas a numerosos especialistas que, em diferentes meios e épocas, os têm analisado e nalguns pontos aperfeiçoado, destacando por vêzes novas consequências de sua aplicação. (Lourenço Filho, 1967, p. 10)

d) Revisões e ampliações atualizadoras

Embora a estrutura geral da obra mantenha-se inalterada e inabalável - assim como, surpreendentemente, a fundamentação teórica, as referências bibliográficas relativas a, entre outros, os estudos produzidos entre as décadas de 1900 e 1920 e o material para aplicação -, alguns acréscimos e atualizações vão sendo introduzidas, nas sucessivas edições lançadas até 1974, em decorrência de sua repercussão e constante celebração.

Já na edição precedente, cujo texto foi revisto, para maior clareza em muitos pontos, acrescentaram-se indicações sôbre recentes trabalhos de investigadores estrangeiros, bem como se deu notícia do primeiro ensaio de análise fatorial dos Testes ABC, realizado, no Rio de Janeiro, pelo Dr. Otávio Martins ... A estrutura geral do livro foi, porém, mantida, pelo fato de vir êle servindo, em centros de preparação para o magistério, não só como guia de exame, mas também como compêndio de iniciação à prática dos testes em geral, ou ainda como monografia que se presta a esclarecer, em exemplo concreto e bem definido, os domínios e os limites da pedagogia experimental. (Lourenço Filho, 1954, p.8-9)

A obra é revista na 3ª edição (1947) e, a partir da 6ª edição (1957), aumentada em dois capítulos, um deles relativo ao “tratamento corretivo” e “exercícios emendativos” para os alunos considerados “imatuross”, e outro, à relação entre os testes ABC, a

observação clínica e as “crianças-problemas”; acrescentando-se, ao final, um “Índice de Assuntos”, com 137 itens.

São também aumentados, comparativamente à 1ª edição, a Bibliografia Geral, os “Trabalhos com referência especial aos testes ABC” e o Índice de Nomes. Tomando-se como exemplo a 11ª edição (1969), encontram-se na Bibliografia Geral 70 títulos e, no Índice de Nomes, 176. Quanto à Bibliografia Especial, indicando a extensa repercussão da obra no Brasil e no exterior, vão sendo acrescentados os novos “trabalhos com referência especial aos testes ABC”, que passam para 121, e dentre os quais encontra-se uma grande maioria produzida por brasileiros e latino-americanos, além de alguns poucos produzidos por norte-americanos e europeus.

De acordo com avaliação do próprio autor, que vai produzindo, ao longo dos prefácios, a história da obra, esses trabalhos podem ser distribuídos em quatro categorias, sendo mais numerosos os das duas primeiras: os que apenas mencionam a utilidade dos testes ABC ou divulgam resultados de sua aplicação; os que consideram o problema dos alunos imaturos levantado com a aplicação dos testes e propõem ora exercícios corretivos, ora investigações das condições de saúde e higiene, perturbadoras da aprendizagem; os que consideram os testes ABC como instrumento propedêutico de psicologia clínica; e os que analisam os fundamentos e o constructo fundamental desses testes. (Lourenço Filho, 1967, p.10-1)

A inclusão de certas notas de rodapé é também significativa do esforço de atualização. Em muitas delas encontram-se referências às atividades e publicações do próprio autor, ocorridas após *Testes ABC*.

e) A repercussão internacional

A repercussão internacional da obra é também matéria de ampla divulgação, sendo constantemente ressaltada e celebrada - e não apenas nos prefácios -, como ocorre, por exemplo, no texto produzido por uma de suas “admiradoras”, Leda M. S. Lourenço - Diretora do curso normal do Instituto de Educação de Belo Horizonte - o qual integra o *Livro Jubilar*, organizado em homenagem a Lourenço Filho, após sua aposentadoria, pela Associação Brasileira de Educação. De acordo com essa admiradora, *Testes ABC* é, “na produção propriamente psicológica, o trabalho de Lourenço Filho mais conhecido no estrangeiro, citado, transcrito e tema de investigações.” (Lourenço, [1957], p.207). Em 1937 - data da 2ª edição brasileira - é publicada a primeira tradução de *Testes ABC*, realizada por J.D. Forgione e impressa em Buenos Aires, pela Editorial A. Kapelusz, encontrando-se, em 1960, na 6ª edição; em 1955, é publicada uma edição francesa, traduzida e adaptada pela professora Colette Cangrus, para aplicação nas escolas da França.

São ainda ressaltadas as inúmeras referências na bibliografia estrangeira, que “podem ser grupadas em duas categorias: a de trabalhos que expõem, comentam e analisam os fundamentos dos Testes ABC; e a de outros [quase uma centena] que relatam sua adaptação e aplicação em duas dezenas de países.” (Lourenço, [1957], p.208). Na primeira categoria, destacam-se, entre outras, as apreciações de: H. Piéron (Paris, 1931); H.Radecka (Copenhague, 1932); A. Ballesteros (Madrid, 1934); H. Ruiz

(México, 1940); W. Gray (Paris, 1955); e E. Planchard (Coimbra, 1957). E, na segunda, os relatos de: A. Alanis (Argentina, 1941); E. C. Argento (Montevideo, 1943); F. Olmo (Caracas, 1955). A essas devem-se acrescentar: as “recomendações para uso dos testes ABC nas escolas primárias”, presentes em “recomendações oficiais de vários países latino-americanos”; o verbete especial “Testes ABC” no *Dicionário Enciclopédico de la Psique* (Ed. Claridad, Buenos Aires, 1950); e a declaração do Bureau International D’Education de que “após inquérito feito por essa organização, ficou verificado que essas provas eram então as mais utilizadas nos países de língua latina, em igualdade com os testes Binet-Simon.” (Lourenço, [1957], p. 209)

f) Autonomização do material para aplicação

O material para aplicação acompanha todas as edições de *Testes ABC*: seja de maneira indireta, mediante recomendação do autor para a aquisição desse material; seja de maneira direta, acondicionado em um envelope e apresentado sob a forma de encarte do livro. Num e noutro casos, esse material contém uma advertência: “Para uso destes testes, vide o livro *Testes ABC*, pelo prof. M.B. Lourenço Filho” e é composto de: folhas impressas e cartaz com figuras, a serem apresentados ao examinando, e folhas em branco para registro gráfico de suas respostas; e fórmulas verbais e fichas para notação dos resultados e avaliação individual dos examinandos, a serem utilizadas pelo aplicador.

A circulação sob a forma de encarte do livro parece ter ocorrido a partir da 3ª ou 4ª edição. Circulando de maneira autônoma, no entanto, tem-se, desde março de 1930 (1ª edição - 1300 exemplares - Melhoramentos), *Testes ABC*: caixa com 100 fórmulas individuais, cuja última edição de que se teve notícia é a 9ª, de 1963 (4000 exemplares), tendo alcançado, no conjunto das nove edições, uma tiragem total de 21300 exemplares. Com o título *Testes ABC: material completo*, por sua vez, encontram-se exemplares avulsos, apresentados em pastas ou envelopes, contendo uma quantidade variável de folhas. Embora não tenha sido possível precisar a data da 1ª edição, tem-se notícia de que, em 1957, é publicada sua 11ª edição, com 15000 exemplares, e, em 1985, a 31ª edição, verificando-se, ao longo de meio século de publicação, a média de uma edição por ano.

Somando-se o número de exemplares: de *Testes ABC*, em que se encontra como encarte esse material, das “caixas com 100 fórmulas individuais” e das pastas ou envelopes em que circula autonomamente; e acrescentando-se a esses o incontrolável e indefinido número de reproduções informais confeccionadas pelo professores primários e demais aplicadores, pode-se inferir que esse material - os testes ABC, propriamente ditos - tenha tido maior divulgação e repercussão do que o livro, tendendo à autonomização, não apenas do ponto de vista formal, mas sobretudo do ponto de vista de “tomarem o lugar” de *Testes ABC* - o livro completo.

De certa forma já antecipado pelo autor na 1ª edição da obra, mediante a explicitação da “singularidade das provas” e da facilidade de “improvisação” ou aquisição “por preço insignificante” do material para aplicação, pode-se entender esse processo

de autonomização como “tendência natural”, que acompanha a divulgação da obra, tanto no Brasil como em outros países em que circularam amplamente os testes ABC.

Constatações a respeito dessa situação podem ser observadas, por exemplo, às páginas 153-6, da tradução brasileira [1968] - também prefaciada por Lourenço Filho - de *Problemas e métodos no ensino da leitura*, de Berta Braslavsky, cuja 1ª edição argentina é de 1962. Ou, ainda, em referências das pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, cujas pesquisas em relação à aprendizagem da *lecto-escritura* se apresentam como revolucionárias em relação à tradicional e infrutífera “querela dos métodos” de alfabetização e, especialmente, à perspectiva condutista disseminada pelos testes ABC.

Não se tratou, pois, de aplicar nenhum teste, porque os testes estão baseados numa suposição sobre o processo de aprendizagem. ... Se tomamos, por exemplo, um dos testes de maior difusão na América Latina, o ABC de Lourenço Filho, encontramos que para decidir se uma criança pode começar sua aprendizagem sistemática, é necessário que possua um mínimo de “maturidade” na coordenação viso-motora e auditivo-motora, além de um bom quociente intelectual e de um mínimo de linguagem (Filho (sic), 1960). (Ferreiro e Teberosky, 1985, p.33)

Confirmando essa repercussão no caso brasileiro, relatos obtidos informalmente - os quais, a despeito de carecerem de rigor científico, permitem apreender mais fidedignamente o que de fato os sujeitos dizem e fazem, sugerindo a possibilidade de fecunda investigação a respeito da história oral da obra - junto a professores alfabetizadores de vários Estados da Nação, permitem inferir que, embora muitas vezes desconhecendo-se a autoria e o contexto histórico de criação e circulação de *Testes ABC*, o material para aplicação vai-se reproduzindo, oficial ou informalmente, e se popularizando de tal modo que continua, ainda em nossos dias, a ser utilizado, com caráter diagnóstico e prognóstico, para fins de organização de classes de 1ª série de escolas públicas ou particulares. Essa utilização atual dos testes ABC, vale ressaltar, ocorre, em alguns casos de maneira direta; no geral, entretanto, trata-se de adaptações assimiladas a um certo senso-comum pedagógico, que incorpora também as novas contribuições científicas, com base nas quais produz-se, por um lado, um certo critério “construtivista” de classificação dos alfabetizandos: “pré-silábicos”, “silábicos”, “silábico-alfabéticos” e “alfabéticos”; e, por outro, um certo método eclético adequado à alfabetização das crianças assim classificadas.

g) Testes ABC e os testes ABC

A partir dessas considerações, verifica-se que, de acordo com a profecia contida no prefácio da 1ª edição, a circulação da obra se dá em dois níveis: “pelo alto”, entre autoridades educacionais do Brasil e do exterior e pesquisadores sobre psicologia escolar e clínica que atuam junto a serviços de orientação técnico-pedagógica, circulando na íntegra ; e “pelo baixo”, entre professores primários e diretores de escola, com ênfase, por vezes, no “Guia de Exame”, mas sobretudo no material para aplicação,

secundarizando-se e mesmo supondo-se terem-se dispensado os fundamentos teórico-experimentais.

A larga e persistente disseminação do material para aplicação contribui, assim, para a diluição da noção de autoria no nível da prática autonomizada e institucionalizada, correspondendo à situação semelhante já apontada em relação ao tema de estudo. Explicita-se, por sua vez, com essa trajetória dos testes ABC, o mais duradouro aspecto do ato fundador: sua transformação em senso-comum de que decorre um “saber-fazer” automatizado - no qual operam fundamentos teóricos “silenciados” -, cuja repetição, por sua vez, confere irreversibilidade ao “progresso científico” e permite ecoar como certo e definitivo aquele anúncio de Lourenço Filho, em 1934, de que nenhuma outra hipótese restaria de pé.

Desse modo, gradativamente o aspecto catalisador e integrador do pensamento do autor vai-se concentrando no material para aplicação, este sim, com maior força enquanto “tradição”, até porque, no nível das tematizações, o discurso **sobre** se polícia constantemente para “limpar o terreno” dos resquícios do “tradicional”, o mesmo não ocorrendo com a aplicação fundamentada no senso-comum pedagógico que não questiona, habitualmente, o saber-fazer tornado hábito e incorporado como “técnica natural” e inquestionavelmente “científica”, a qual está inevitavelmente condicionada ao substrato teórico que se pretende secundarizar e/ou dispensar.

TESTES ABC, OS TESTES ABC E A FUNDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: ALFABETIZAÇÃO SOB MEDIDA

A perspicácia de Lourenço Filho em buscar a interlocução - num tom objetivo e “técnico” que não pretende polêmicas, mas superação da “tradição herdada” e homogeneização controladora da pluralidade do presente - , tanto com os “entendidos” quanto com os “aplicadores”; sua sintonia com as idéias renovadoras e os anseios políticos, sociais e culturais brasileiros desse momento histórico; a autoridade catalisadora e o prestígio de uma trajetória profissional de administrador, intelectual e professor, que se apresenta como exercendo influências, mas não passível de recebê-las; a argumentação cerrada e rigorosamente fundamentada que confere pioneirismo e cientificidade a *Testes ABC*; a recorrente e auto-referenciada propaganda que contribui para a rápida disseminação da obra e demanda a incorporação de acréscimos atualizadores, que só fazem ressaltar e referendar seu substrato inabalável; a autonomização do material para aplicação; enfim, esse conjunto de aspectos - cuja ordem de exposição não significa hierarquização -, é indicador do esforço e empenho em se conferir a *Testes ABC* o sentido hegemônico de ato fundador de um discurso científico e de uma prática racionalizadora relativamente ao ensino da leitura e escrita.

Melhor dizendo, trata-se de um exitoso processo de construção, por parte de Lourenço Filho e seus adeptos/divulgadores, de uma auto-imagem centrada na perspectiva, intencional ou não, da fundação do novo, que é preservada do esquecimento, ao ser constantemente reiterada pelas gerações seguintes, seja como parâmetro a ser seguido, seja como legado incômodo a ser exorcizado pelo combate ou

pelo silêncio. Sem pretender, redundantemente, tomar partido na disputa entre o novo e o velho, a análise desse conjunto de aspectos constitutivos do significado da obra autoriza este investigador a atribuir-lhe o sentido de fundadora de uma tradição, que pode ser sintetizada na expressão “alfabetização sob medida”⁸ e cuja condição de permanência específica, em cada um dos níveis, é interpretada nas considerações abaixo.

a) No nível das tematizações características do discurso acadêmico-científico, de onde se depreende mais explicitamente o movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudo, *Testes ABC* é apresentado como hegemônico e constantemente referenciado como a primeira pesquisa sistematizada produzida por um brasileiro, e com repercussão internacional, em que se ressalta, como inovação para a época, o rigor característico do trabalho de investigação científica de um determinado fenômeno no âmbito da educação. Abordando-se a alfabetização como fenômeno verificável e diretamente dependente de um nível de maturidade passível de medida, dessas tematizações emerge um discurso de autoridade - “acadêmico” e erudito - , decorrente da definição: de um objeto de estudo - a alfabetização, entendida como aprendizagem da leitura e escrita; de um método científico de abordagem - método clínico-experimental -; de um ponto de vista hegemônico para abordagem do objeto - psicológico-condutista -; e de um sujeito autorizado do discurso investigativo - o especialista em alfabetização.

b) No nível das normatizações, encontra-se um discurso mediador entre: o discurso acadêmico-científico, no qual se fundamenta e com o qual muitas vezes se confunde, dado o exercício simultâneo ou alternado, por parte dos educadores envolvidos, de atividades burocrático-administrativas e intelectuais; e as concretizações no cotidiano escolar, as quais se pretende diferenciar, controlar e homogeneizar. Nesse nível, produz-se um discurso institucional que, visando a normatizar o ensino da leitura e da escrita, empreende um processo de institucionalização, normalização e rotinização dos fundamentos teóricos e da prática de diagnóstico e prognóstico propostos em *Testes ABC*, e, em decorrência, do método eclético, como síntese do tipo de ensino mais adequado ao princípio da “alfabetização sob medida”.

c) No nível das concretizações, sempre reticente às tentativas de controle e homogeneização impostas pelas tematizações e normatizações, mas sensível ao apelo de facilitação veiculado pelo discurso institucional como “progresso evolutivo da ciência”, vai-se produzindo uma síntese da tradição herdada em que se juntam a técnica “natural” de diagnóstico e prognóstico dos testes ABC e um “método eclético” de alfabetização. Desse modo, a hipótese inicial de *Testes ABC* vai-se produzindo, devido sobretudo ao percurso histórico do material para aplicação, como tese verificável, inquestionável e hegemônica, o que, por um lado, garante sua incorporação, nesse nível, como senso-comum pedagógico e, por outro, assegura a indireta e insistente permanência de seus fundamentos teóricos, mesmo quando as finalidades pedagógico-político-sociais de economia, eficiência e rendimento no processo de alfabetização e na

⁸ Essa expressão é tomada de empréstimo ao título do livro de Edouard Claparède, *L'École sur mesure* (Delachaux & Niestlé S.A., Neuchâtel/ Suisse, 1953)

organização escolar, assim como os “métodos tradicionais” passam a ser programaticamente combatidos.

Conferindo, institucionalmente, à alfabetização o estatuto acadêmico-científico de objeto de estudo - embora não completamente autônomo dada sua vinculação à psicologia - e subordinando seu ensino às condições individuais de aprendizagem, essa obra de Lourenço Filho funda uma tradição: “nova” para o momento em que se engendra e em relação à “velha” tradição que esse momento herda; no entanto, “velha” e “tradicional” para seus herdeiros atuais que, sobretudo a partir da década de 1980, no nível das tematizações e normatizações, buscam insistentemente superar essa tradição herdada e teimosamente operante.

Sem pretender formular profecias, mas apontando uma tendência que se observa no movimento constitutivo da alfabetização como objeto de estudo, esses sujeitos - os “herdeiros atuais” - estejam, talvez, contribuindo para a fundação de uma outra (e “nova”) tradição em alfabetização, coerente com os novos fins e novos caminhos educacionais, sociais e políticos deste final de milênio e sugestiva de uma tendência de elevar-se o ensino-aprendizagem inicial da leitura e escrita à condição de campo de conhecimento, interdisciplinar por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASLAVSKY, Berta. *Problemas e métodos no ensino da leitura*. Trad. A. Minicucci. São Paulo: Melhoramentos, [1968] (Biblioteca de Educação - Série Iniciação e Debate)
- FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. D. M. Lichtenstein e outros. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Testes ABC - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1934 (Bibliotheca de Educação - v. XX)
- _____. *Testes ABC - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. 5.ed. (com material de aplicação) São Paulo: Melhoramentos, [1954] (Biblioteca de Educação - v. XX).
- _____. *Testes ABC - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. 9.ed. (revista e com material de aplicação) São Paulo: Melhoramentos, 1967. (Biblioteca de Educação) (Obras Completas de Lourenço Filho - v. III)
- _____. *Testes ABC - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. 11.ed. (com material de aplicação). São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1969 (Biblioteca de Educação) (Obras Completas de Lourenço Filho - v. III)
- LOURENÇO, Maria Leda Silva. Lourenço Filho na bibliografia estrangeira. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (org.) *Um educador brasileiro: Lourenço Filho (Livro Jubilar)*. São Paulo: Melhoramentos, [1957], p.204-15. (Obras completas de Lourenço Filho - volume preliminar)
- O que é a Bibliotheca de Educação*. São Paulo: Melhoramentos, [1934].